

Mapeando o GTTE da Anped: um estudo panorâmico da Anped e do GTTE

O GT Trabalho e Educação é um dos que têm mais peso no conjunto da Anped, número de participantes, na constância dos participantes, tirando talvez os que discutem mais escola, o cotidiano escolar, (...) somos o 2º ou 3º em tamanho. Eu já vi GTs (...) racharem, se dividirem... A gente tem essa constância, em torno dessa identidade com esse referencial... (Flávio Anício Andrade)

3.1- Introdução: A Anped do GTTE e o GTTE da Anped

A proposta deste capítulo continua sendo a de mapear o lugar que ocupa o Grupo de Trabalho - Trabalho e Educação, o GTTE, agora também na sua relação com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a Anped. Este momento dos “quadros panorâmicos” complementa os estudos do capítulo anterior, procurando dar as condições necessárias para as análises dos capítulos seguintes. E procura, principalmente, na relação existente entre GTTE e a Anped, discernir o que seria específico do GT em relação ao que seria específico da própria Associação.

3.2- A Anped e os seus recentes desafios

Inicialmente, é importante apresentar algumas características da Anped que, de algum modo, podem estar sendo reproduzidas nos GTs.

Primeiro é preciso registrar o crescimento da Anped: só nesta última década foram aceitos para a avaliação mais de 6000 trabalhos em educação (trabalhos, comunicações e pôsteres), conforme é mostrado no quadro 3.

Quadro 3: *Trabalhos Aceitos pela Anped para Avaliação – 1995-2004*

Ano	Total de trabalhos ²²			
	Trabalhos(a)	Comunicações(b)	Pôster(c)	Total (a+b+c)
1995	282	174		456
1996	359	248	64	671
1997	380		148	528
1998	394		129	523
1999	534		214	748
2000	473		152	625
2001	477		166	643
2002	491		145	636
2003	489		103	592
2004	495		107	602
Totais (1995-2004)	4374	422	1228	6024

Fonte: Anais da Anped (1995-2004).

O Boletim da ANPEd de 1994 traz um comentário sobre essa expansão:

A demanda por apresentação de Trabalhos e Comunicações na Reunião Anual de 1994 superou todas as expectativas. No período 1992/93, o aumento de demanda registrada, de 236 inscritos na 15ª Reunião para 381 na reunião seguinte, foi de cerca de 61%, o que apontava para a possibilidade de um aumento semelhante para 1994. Entretanto, os números agora registrados foram muito superiores a essa expectativa. O aumento geral de inscrição de Trabalhos e Comunicações alcançou o índice de 92%, totalizando 734 efetivamente inscritos. [Não incluídos aí 44 textos não submetidos à avaliação por problemas formais.] [...] Esse fato revela o vigor da Pós-Graduação e da Pesquisa na área da Educação e o reconhecimento da ANPEd como o Fórum apropriado para a discussão da produção científica na área; ele sugere também as dificuldades trazidas para a organização deste evento e aponta para a necessidade de uma ampla avaliação dos processos e mecanismos da Reunião Anual, do seu formato, de seu significado e dos próprios rumos da Associação, de forma a orientar uma reestruturação organizacional da entidade que lhe garanta a excelência na continuidade do trabalho que vem desenvolvendo desde 1978 (apud FERRARO, 2005, p. 22).

No número 30 da Revista Brasileira de Educação, o professor Alceu Ferraro comenta o crescimento dos trabalhos submetidos à Anped:

Em 2004 foram inscritos 697 textos, dos quais 622 foram selecionados para avaliação (495 trabalhos e 107 pôsteres), tendo sido aprovados 290 para apresentação, o que equivale a 41,6% do total de inscritos.

Com exceção de 1997 e 1998, quando o total de textos inscritos ficou um pouco abaixo de 600, em todos os demais anos, desde

²² Aqui estão sendo tabulados os trabalhos aceitos e não todos os inscritos. Alguns textos na Anped não são avaliados pelos pareceristas porque apresentam problemas formais, porque são retirados pelos próprios autores ou porque foram enviados fora do prazo.

1994 até 2004, o total de textos inscritos foi superior a 600 em cada reunião. (...)

Por um lado, surpreende essa expansão, principalmente porque havia certo temor de que um maior rigor na seleção, por obra do recém-instituído comitê científico, viesse a afastar pesquisadores da inscrição de trabalho nas reuniões anuais. Por outro lado, fica a questão de saber se 600 a 700 textos inscritos e cerca de 33 a 42% de textos selecionados para apresentação constituiriam o limite para a Associação (FERRARO, 2005, p.22-23).

A Anped vem aceitando para apresentação um número de trabalhos cada vez maior e, por conta disso, precisa, como sugeriu o próprio professor Ferraro, rever e avaliar os seus limites e possibilidades²³. O quadro 4, que computa apenas os trabalhos sem incluir os pôsteres, mostra como a proporção de trabalhos aprovados em relação aos aceitos não consegue, em geral, atingir 40%.

Quadro 4: *Trabalhos na Anped – 2000 - 2004*

Anped	2000	2001	2002	2003	2004
Total de inscritos e aceitos	625	643	636	592	602
Trabalhos aprovados	199	202	188	211	246
%aprovados/aceitos para avaliação	31,84	31,4	29,5	35,6	40,8

Fonte: Anais da Anped (2004).

A Anped não está conseguindo dar conta da demanda de trabalhos. Os pôsteres que, num determinado momento, pareciam vir, por conta dessa desproporção, a contribuir com um novo formato de apresentação perderam força no período entre 2000 e 2004, a ponto de vir a seguinte orientação²⁴ nos anais de 2004:

²³ Na vigésima oitava Reunião da Anped, ano de 2005 (que não faz parte do nosso período estudado), vale a pena registrar que se inscreveram 942 trabalhos e que foram aceitos para avaliação 901. Destes somente 388 (ainda que seja o maior número de trabalhos aprovados de todos os anos) conseguiram a aprovação, o que representa apenas 41,1%. Pese-se que dentre estes 388 aprovados 104 eram pôsteres. Em números absolutos a Anped mostra que está deixando de lado muitos trabalhos que a demandam. (Cf. ANPED, 2005)

²⁴ Esta orientação parece ter surtido efeito no ano seguinte, 2005 (28ª reunião), quando houve um crescimento de 66,4% nos pôsteres, passando de 107 aceitos para avaliação em 2004 para 178 em 2005. De qualquer forma, o ano de 2005 teve uma explosão de trabalhos enviados à Anped, passando de 495 em 2004 para 704 em 2005, o que significa um aumento de 42,2%. É importante que estudos futuros acompanhem esta relação entre trabalhos enviados/aceitos na Anped e trabalhos aprovados. Em 2005, dos 704 trabalhos enviados apenas 284 foram aprovados, mantendo a proporção do ano anterior de cerca de 40% (ver quadro 4). Dos 178 pôsteres enviados foram aprovados 104, o que dá uma proporção de 58,4%. Isso mostra que a distorção entre trabalhos (em geral) enviados/aceitos e trabalhos aprovados é em certa medida compensada pelos pôsteres, embora esta compensação não seja suficiente.

Quanto aos pôsteres, há um nítido movimento de queda no número de aprovados, que demandaria análise por parte dos GTs e a tomada de novas decisões, uma vez que essa modalidade de trabalho representa importante espaço de divulgação de pesquisas em andamento, especialmente as produzidas pelos pós-graduandos (ANPED, 2004, p. 13).

O quadro 5 mostra o decréscimo no número de pôsteres aceitos e aprovados.

Quadro 5: *Pôsteres na Anped – 2000 - 2004*

	2000	2001	2002	2003	2004
Textos aceitos para avaliação	152	166	145	103	107
Textos aprovados	78	84	69	62	69
%aprovados/aceitos para avaliação	51,3%	50,6%	47,5%	60,1%	64,4%

Fonte: Anais da Anped (2004).

Este quadro mostra como em números absolutos houve uma queda na demanda de pôsteres nos últimos 5 anos. Ao mesmo tempo, mostra também que a relação entre pôsters aprovados e aceitos é menos discrepante do que para o caso dos trabalhos. Os pôsteres parecem ser uma espécie de muleta para um problema que vem se arrastando há algum tempo na Anped:

O problema observado há muito tempo de que o aumento no número de textos inscritos não tem acompanhado, na mesma proporção, pelo número de textos aprovados, repetiu-se este ano. Esta é uma distorção que se deve ao fato que, pela tradição da Anped, os autores de trabalhos aprovados têm um financiamento quase total, o que tem obrigado a que não seja possível aumentar o número de trabalhos a serem apresentados (ANPED, 2001, p. 9).

Com isso, percebe-se que a Anped conseguiu crescer, ainda que se perceba uma organização tímida e cautelosa, no sentido de tentar abarcar um número maior de trabalhos que a demanda. O desafio cada vez maior é o de se deparar com um crescimento de trabalhos e pesquisadores que demandam espaço nesta associação. Esta consciência existe por quem dirige a Anped: *Torna-se urgente a proposição de um novo formato para as RAs, que permita a expansão no número de trabalhos, sem perder de vista a garantia do critério de qualidade* (ANPED, 2004, p. 13). As questões que decorrem desse problema são muitas. Crescer ou não crescer? Como crescer qualitativamente? A Anped tem que/como crescer mais?

Os livros da Anped, nos últimos anos, recorrentemente trazem esse problema da discrepância entre trabalhos inscritos e aprovados, revelando, de alguma forma

que as soluções são sempre tímidas (cf. ANPED, 2001; 2002; 2003 e 2004). Como foi visto na citação acima, o problema é associado primeiramente à tradição da Anped que financia os pesquisadores com trabalhos aprovados. Por conta disso, os custos da Anped são bem altos. O quadro “A” foi extraído do relatório das atividades da associação em 2004 (ANPED, 2004b, p. 87).

Quadro A: FINANCIAMENTO SOLICITADO AOS ÓRGÃOS OFICIAIS
27^A REUNIÃO ANUAL - 2004

Agência	Rubrica	Valor
CAPES	Passagens Áreas	R\$ 40.000,00
CNPq	Recursos para o evento	R\$ 70.000,00
FAPERJ	Diárias para pesquisadores, convidados e organização/RJ	R\$ 15.000,00
FINEP	Diárias R\$ 16.000,00 (Hospedagens e Translados) Serviços Gráficos R\$ 14.000,00	R\$ 30.000,00
FAPERJ	Diárias	Aguardando
INEP	Recursos para o evento	Aguardando
TOTAL	---	R\$ 145.000,00 [sic] [?]

Reproduzido da ANPED, 2004b, p. 87.

O livro da Anped de 2004 argumenta que o problema também é *impulsionado pelo aumento da produção e da pesquisa, com o crescimento da pós-graduação em Educação no país*. (ANPED, 2004, p. 13). O fato é que a Anped tem um problema importante para enfrentar, talvez até no plano ético-político²⁵, pelo fato de lidar com dinheiro público, devendo perguntar-se até que ponto o formato atual não favorece demasiadamente as pesquisas e pesquisadores dos programas e instituições que nela transitam melhor por se fazerem mais influentes. Certamente, a primazia da qualidade deve ser mantida e uma lógica pró-quantidade é perigosa, mas números tão evidentes como ter apenas 40% dos trabalhos aprovados têm que ser considerados.

A percepção desses problemas fez com que o comitê científico da Anped de 1999 sugerisse uma mudança nos critérios de avaliação dos trabalhos.

Diante do fato de a ANPED ser uma associação que tem por objetivos discutir o saber produzido na área da educação e promover o intercâmbio de pesquisadores junior e senior, a programação de atividades dos GTs, durante as reuniões anuais,

²⁵ Isso considerando as idéias centrais defendidas pela Anped são: *educação pública, gratuita e de qualidade social para todos; universalização da educação básica para crianças, jovens e adultos, em todos os graus e modalidades de ensino; a real contribuição da pesquisa, da ciência e da tecnologia para melhoria do ensino e atendimento às necessidades básicas da população; formação de qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da área de educação, e, fundamentalmente, condições dignas de trabalho, de carreira e de salário para todos os profissionais da educação, em todos os níveis e modalidades*. (ANPED, 2004b, p. 11)

deve garantir espaço e tempo suficientes para que o conjunto de Trabalhos aceitos e apresentados seja avaliado, visando a identificar se ele contribuíra efetivamente para o avanço do conhecimento na área. Sugere-se que seja propiciado espaço de debate para temáticas emergentes e/ou novas perspectivas de análise, ainda que os patamares qualitativos dessa produção não tenham atingido aquele que caracteriza os das temáticas já consolidadas (ANPED, 1999, p. 331).

Na passagem percebe-se que há uma orientação no sentido de que a Anped promova tanto a interação entre pesquisadores *juniors* e *seniors* quanto a abertura para novas temáticas. Isso pressupõe a consciência de que há um problema na integração desses pesquisadores, assim como há um problema de recorrência dos mesmos temas, quando, por exemplo, o documento sugere atenção ao que chama de “temas emergentes”. A presença dessa orientação – em hipótese – revela que para a maior parte dos pareceristas é mais difícil responsabilizar-se por um trabalho em que a consistência teórica não seja evidente; e isso vale até para aqueles trabalhos em que o texto tem boa qualidade, porém o tema tratado é incipiente, desconhecido para o próprio avaliador, ou porque o tema e as investigações que lhe são pertinentes não pertencem a uma área desenvolvida. Fica difícil para um parecerista avaliar o que ele mesmo julga como um “tema menor” (ver capítulo 1, item 4.3), ainda que ele seja sensível a essa questão²⁶, como diria Reif (apud BOURDIEU, 1994, p. 25):

Um cientista procura fazer as pesquisas que ele considera importantes. Mas a *satisfação intrínseca e o interesse não são suas únicas motivações*. Isto transparece quando observamos o que acontece quando um pesquisador descobre uma publicação com os resultados a que ela estava quase chegando: fica sempre transtornado, ainda que *o interesse intrínseco* de seu trabalho não tenha sido afetado. Isto porque seu trabalho *não deve ser interessante somente para ele, mas deve ser também importante para os outros*.

Quer dizer, a orientação dada pelo comitê científico ainda não é suficiente para mudar essa realidade de temas recorrentes dentro dos GTs. Por conta disso, houve mais uma orientação:

(...) Dada a heterogeneidade dos Grupos de Trabalho , a ANPED deve intensificar a discussão sobre a natureza dos GTs,

²⁶ Uma de nossas entrevistadas, parecerista da Anped, compartilhou o quanto é difícil recomendar um trabalho que, mesmo possuindo qualidade acadêmica, possa ser visto pelos colegas (outros pareceristas) como sendo “menor”, pelas poucas categorias de análise que traz (ou por serem “estranhas”), pela pouca revisão bibliográfica, pela pouca historicidade, etc. mesmo que se tratasse de uma boa pesquisa empírica.

recuperando a memória desde a sua criação – já registrada em diversos documentos -, à vista da tendência atual de os GTs se transformarem em áreas temáticas, que possam contemplar a diversidade de demandas dos campos de conhecimento e de seus próprios perfis que tendem a se redimensionar. (...) (Ibid.:331).

O resgate histórico e uma avaliação da área, no caso dentro dos GTs, aparecem como mais dois dos instrumentos para ampliar as discussões sobre as pesquisas em educação (o que de certa forma está sintonizado com a perspectiva adotada por nós neste capítulo e no anterior) e diminuir o “engessamento” temático (ANPED, 1998, p. 289) que alguns grupos estão sofrendo. Por outro lado, isso também não pode significar cair numa *dispersão temática também pouco produtiva* (ibid.) – por que passam outros grupos. Sem dúvida, este é um equilíbrio difícil de se conseguir.

A Anped não é o nosso foco de pesquisa, mas é interessante trazer, a partir desta breve reflexão, algumas questões que podem nos orientar no entendimento do GTTE, como parte integrante dessa associação. O atual formato da Anped tem correspondido às expectativas dos programas de pós-graduação em educação no país? A Anped, com as medidas que vem implementando, tem conseguido ampliar os temas e pesquisas em educação? O que a Anped tem feito, ou ainda deve fazer, por conta de seu formato, sua tradição e seu crescimento, contra os riscos de se apresentar como uma associação endógena ou auto-referencial? Vale também trazer a reflexão de Bourdieu sobre o “campo científico” para analisar os desafios da Anped: *quais são as condições sociais que devem ser preenchidas para que se instaure um jogo social onde prevaleça a idéia verdadeira, porque os que dele participam têm interesse na verdade, em vez de ter, como em outros jogos, a verdade de seus interesses?* (BOURDIEU, 1994, p. 141)

A partir da análise dos recentes cadernos da Anped e da contribuição do texto de Ferraro, podem perceber-se outras três orientações para enfrentar esses novos desafios. A primeira refere-se aos investimentos em instrumentos de divulgação em meio tecnológico digital, que Ferraro (2005) atribui à gestão de Maria Malta Campos, presidente da Anped (1996-1999):

Aliás, a introdução do meio digital para publicação na íntegra dos trabalhos aceitos para apresentação nas reuniões anuais e regionais representou um avanço enorme no que se refere à disseminação da produção científica dos pesquisadores e dos programas de pós-graduação. Se bem me lembro, isto aconteceu pela primeira vez no final da década de 1990, na segunda gestão presidida por Maria

Malta Campos, prática esta adotada também nas reuniões anuais seguintes (p. 24).

Na verdade, esse caminho acentua-se na Anped durante a gestão de Nilda Alves, com o desenvolvimento da página da Anped na Internet e as inscrições dos trabalhos por meio digital, etc. Nilda Alves chega, num determinado momento, no registro da ata do comitê científico para a Anped do ano 2000, a sugerir:

A necessidade de que os membros indicados a compor o Comitê da 24ª Reunião Anual estejam familiarizados como recursos da informática, já que a Diretoria está providenciando, para a 24ª Reunião, a informatização de todo o processo de trabalhos e pôsteres, assim como de sua avaliação (...) (p. 214).

A Anped tende, baseada nas resoluções que vão aparecendo nos cadernos (cf. ANPED, 2004) e no próprio *site* (www.anped.org.br), a ampliar e disponibilizar os trabalhos dos pesquisadores em meio digital, incluindo os “excedentes”, ou seja, aqueles trabalhos que apesar da boa qualidade não foram selecionados para a apresentação nos GTs.

A segunda orientação procurar mostra que a Reunião Anual da Anped é o principal evento da associação, mas não o único e faz menção de que o associado não deve se sentir participante somente quando tem seu trabalho aceito:

[As RAs da Anped] São, por excelência, oportunidades para universalizar informações, estimulando a convivência entre pesquisadores experientes e aqueles em formação, inseridos em instituições espalhadas por este vasto país. Portanto, não dá para estar fora dessa comunidade acadêmico-científica. Tampouco é o caso de o associado estar presente apenas se seu trabalho tiver sido aceito, ou se tiver sido convidado para uma das atividades da programação.

(...)

(...) participar e dirigir uma Associação do porte da Anped significa mais do que viver a RA e promovê-la. Significa envolver-se, no decorrer do ano todo, com Associações congêneres, no sentido de se fazer ouvir, de propor, de interferir nos debates de questões candentes da área e da sociedade mais ampla. (...) (ANPED, 2004, p.9-10).

Quer dizer, essa orientação tenta mostrar aos associados que a sua participação não se restringe a ter trabalhos aprovados, assim como a RA não é o único fórum dentro da Anped, como também sugere a idéia de que o associado da Anped não deve deixar de assim se perceber quando participante de outros fóruns, associações e congressos congêneres.

A terceira orientação – que percebermos ser a mais tímida – é a de dar mais apoio às Reuniões Regionais da Anped (apelidada por alguns como as “Anpedinhas”). Esta questão é tratada no Boletim nº 2 da anped de 2004. Ferraro (2005) constatou a importância da Anped Regional que aconteceu em Curitiba, na qual ficou patente, mais uma vez, que a oferta de trabalhos é enorme:

Por exemplo, a ANPED Sul de 2004, realizada em Curitiba, apresentou-se com ares de reunião anual: com mais de mil participantes, com um grosso volume contendo a programação e os resumos, e um CD-ROM divulgando na íntegra todos os textos selecionados para o evento (FERRARO, 2005, p. 24).

Não obstante, percebe-se que as “Anpedinhas” não são tão valorizadas. Nos cadernos da Anped, praticamente não aparecem e nos relatórios de atividades não ganham grande destaque ou reflexão (cf. ANPED, 2004b; ANPED, 2003b).

Alguns outros pontos estão sendo propostos ou até já estão sendo pensados para os novos desafios postos à Anped. O relatório de atividades de 2004 traz uma discussão sobre o aumento de números de trabalhos inscritos, que vale a pena reproduzir:

A Diretoria apresentou uma proposta visando inserir no formato da 27ª RA. Um dos aspectos buscava contemplar a ampliação em quatro (4) horas e meia a carga horária de trabalho nos GTs e a elevação para até 16 o número de trabalhos a serem apresentados em cada um deles, considerando que estes são “a coluna vertebral da RA”. Visava-se também, com esta proposta, contemplar uma forte reivindicação dos associados para que se aumentasse o número de trabalhos a serem apresentados. Após ampla discussão, houve acordo para o aumento das quatro horas e meia para as atividades dos GTs e GEs. No entanto à ampliação no número de trabalho a serem apresentados (com tempo a ser suprimido das Sessões Especiais), os Coordenadores, em sua grande maioria, se posicionaram contrários. (...) (ANPED, 2004b, p.30).

A citação acima mostra que o aumento do número de trabalhos a serem apresentados é uma reivindicação dos associados. Apesar disso, não houve mudanças. O interessante é que a proposta saiu da diretoria, que noutras épocas alegava que a tradição de financiar os trabalhos na Anped era o que mais dificultava a ampliação do número de trabalhos. Contudo, os coordenadores, entre vários outros pontos, argumentaram que *não considerariam produtivo reduzir o tempo para as Sessões Especiais, devido a importância destas; argumentaram ser mais importante aumentar o tempo para discussão do que o número de trabalhos aprovados* (ANPED, 2004, p.30).

Enfim, podemos inferir, a partir do que a própria Anped nos oferece em seus cadernos das RAs e em seus relatórios de atividades, que alguns problemas dos últimos anos têm provocado alguns encaminhamentos, mas que, pelo menos até agora, não surtiram efeitos substanciais. Nessa perspectiva, os dois principais pontos são: 1º) a Anped não optou por ampliar o número de trabalhos a ser apresentado, apesar da enorme demanda; 2º) Não tem conseguido criar mecanismos para a diversificação de pesquisadores e de temas, sem que isso caia numa *dispersão temática*. Ainda que a solução não esteja na ampliação de trabalhos a serem apresentados na Reunião Anual (lógica produtivista), por outro lado, outras soluções estão sendo refletidas de forma muito tímida. Há, por exemplo, pouca avaliação sobre as Anped's Regionais (que já possuem demanda) e talvez pudessem oferecer mais oportunidades para a apresentação de trabalhos, assim como contribuir para a diversificação de temas, contemplando também alguma regionalidade dos trabalhos... Na apresentação do Relatório de Atividades de 2004 (op. cit.), a diretoria da Anped indicou a necessidade de se ampliar o número de sócios individuais e institucionais, o que demonstra também a necessidade de corresponder às expectativas desses sócios em relação a mais importante Associação e ao principal fórum de educadores deste país. Também é possível considerar os limites da Anped (cf. FERRARO, 2005), pode-se até acatar isso, não obstante, o que não se pode perder de vista é a incessante “revisão da prática” contra engessamento temático, endogenia, pouca renovação, etc. Para nosso estudo interessa saber como essas características gerais da Anped se fazem presentes no GTTE.

3.2.1 - O GTTE na Anped

No primeiro capítulo, fizemos um breve resgate histórico do GTTE e em parte o situamos dentro da Anped. Nesta seção, o estudo se volta para as características do que se produz no GTTE. Refletir-se-á sobre a participação do GTTE na Anped. O quadro 6 (grande, mas importante para visualizar o GTTE na Anped) procura sintetizar essa participação:

Quadro 6: *O GTTE na Anped (1996-2004)*

Ano/Coordenador(a)/Presidente da Anped/Informações adicionais	Sessões Especiais [participação com outro GT]	Debates	Mini-cursos [participação com outro GT]	Painel
<p>1996</p> <p>Coordenadora Eunice Trein (UFF)/ Presidente da Anped: Maria Malta Campos – PUC SP/FCC A Secretária da Anped se localizava em São Paulo (PUC-SP)</p> <p>Neste ano iniciam os mini-cursos.</p> <p>GT teve 24 comunicações e 18 trabalhos; aceitando: 6 comunicações, 9 trabalhos e 8 pôsteres (havia pôsteres no manual, mas não disponibilizaram nenhuma estatística sobre eles...)</p>	<p>“Estratégias Empresariais no Campo da Educação” Anne Pósthuma (Inst. Politécnico da Usp) Elida Rubini Liedk (UFRGS) Sandra Zachia Lian (FE USP) [com o GT Estado e Política Educacional]</p> <p>“As Novas Modalidades de Exclusão Social: Trabalho, Conhecimento e Educação” Aldaíza Sposati (PUC-SP), Irandi Pereira (Fórum da Criança-SP) e Gelsa Knijnik (UNISINOS-RS) [com os GTs Educação Popular e Movimentos Sociais]</p> <p>“Ciência, Tecnologia e Formação de Professores” Luiz Carlos Menezes (USP) [com o GT Formação de Professores]</p>	<p>“Educação Básica e Educação Profissional: Políticas Públicas em Questão” Acácia Kuenzer (UFPR), Iracy Picanço (UFBA), Américo Araújo (C. Educacional Tecnológico Paula Souza)</p>	<p>O 1º ano dos mini-cursos, o GTTE não ofereceu.</p>	<p>“Discussão dos Núcleos de Estudos de Trabalho e Educação nos programas de pós-graduação como espaço de produção do conhecimento articulado às demandas sociais”</p> <p>Antonia Vitória Soares Aranha (UFMG), Acácia Kuenzer (UFPR), Iracy Picanço (UFBA), Gaudêncio Frigotto (UFF) e Celso Ferreti (coordenador PUC-SP)</p>
<p>1997 Coordenador Celso Ferreti (PUC-SP) /Presidente da Anped: Maria Malta (Campos – PUC-SP/FCC)</p>	<p>“Transformações no trabalho e políticas educacionais no</p>		<p>“O Trabalho em transformação e as tendências culturais dos jovens” Prof. Dr.</p>	

<p>GT teve 24 comunicações e 18 trabalhos; aceitando: 6 comunicações, 9 trabalhos e 8 pôsteres (havia pôsteres no manual, mas não disponibilizaram nenhuma estatística sobre eles...)</p>	<p>Brasil” Celso Ferreti (coordenador), Miguel Arroyo e Newton A. Paciulli Bryan (Unicamp)</p> <p>[com o GT Estado e Política Educacional]</p> <p>“Novas Tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente” Célia Linhares (UFF), Eunice Trein (UFF), Hugo Assmann (UNIMEP) e Vani Moreira Kuenski (USP) [em conjunto com vários outros GTs]</p>		<p>Silvio Scanagatta (Un. De Pádua, Itália)</p>	
<p>1998 /Coordenador Celso Ferreti (PUC-SP) / Presidente da Anped: Maria Malta (Campos – PUC SP/FCC) GT teve para 24 comunicações e 18 trabalhos; aceitando: 6 comunicações, 9 trabalhos e 8 pôsteres (havia pôsteres no manual, mas não disponibilizaram nenhuma estatística sobre eles...)</p>	<p>“O Trabalho nas propostas curriculares para a escola brasileira na virada do século” Celso Ferreti (Puc-SP, coord.), José Luiz Domingues (UFG), Miguel Arroyo (UFMG) e Lucília Machado (UFMG) [junto com o GT de currículo]</p>	<p>“Diretrizes nacionais para a organização dos cursos de formação dos profissionais da educação” José Carlos Libâneo (UCG, coordenador), Acácia Kuenzer (UFPR), Helena Costa L. de Freitas (Anfope), Leda Scheibe (UFSC) e Iria Brzezinski (UCG/UnB)</p>	<p>Minicurso. “Imagens do Mundo do Trabalho: a fotografia como fonte histórica” Prof. Dra. Maria Ciavatta Franco (UFF) [Também para o GT Educação e Comunicação]</p> <p>“Retórica da Desigualdade: educação, trabalho e exclusão social na perspectiva doutrinária do neoliberalismo” Prof. Dr. Pablo Gentili (Uerj)</p>	
<p>1999/ Coordenadora Lucília Machado/ Presidente da Anped: Maria Malta Campos – PUC SP/FCC)</p>	<p>“Mudanças no mundo do Trabalho: acertos e desacertos na proposta curricular para o ensino médio (Resolução CNE 03/99) Maria Isabel de</p>		<p>“Trabalho e educação na sociedade brasileira: uma perspectiva histórica” Profe. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP) e Prof. Dra. Maria Ciavatta Franco (UFF)</p>	

	Almeida (USP, coordenadora), Kuenzer (UFPR), José Luiz Domingues (UFG) e Maria Rita Sales de Oliveira (CEFET-MG)		[também para o GT História da Educação] “A construção da identidade do trabalhador no Brasil Atual” Prof. Dra. Sônia Maria Rummert	
2000 /coordenadora Lucília Machado (UFMG)/ Presidente da Anped: Nilda Alves (Uerj)/ Uma característica interessante, o livro da Anped (ou caderno da Anped) veio organizado em quadros, ficou com menos volume e mais ágil e pela primeira vez se vê menção ao site da Anped). Neste momento o uso do meio digital aumenta substancialmente. O endereço do Secretaria da Anped está agora no Rio de Janeiro.	<p>“Reforma do Estado e Políticas Públicas” Francisco de Oliveira (USP) Almerindo Afonso Janela (U.Minho-Port.) – debatedor [com muitos outros GTs]</p> <p>“As novas demandas de educação profissional” Acácia Kuenzer (UFPR, coordenadora) Carmen Silvia de Moraes (USP) e Fernando S. F. de Oliveira (UFMG)</p> <p>“Multimídias, organização do trabalho docente e políticas de formação de professores” Regina Vinhaes Gracinto (UNB), Kátia Morosov (UFMT), Raquel Goulart Barreto (UFRJ) [junto com outros Gts]</p> <p>“Transformação no mundo do trabalho e subjetividade” Vera Placo (PUC-SP, coordenadora), Anita C. Azevedo Resende (UFG/UCG) [junto com o GT Psicologia da Educação]</p> <p>“Políticas de</p>		“Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e sociedade do conhecimento: produção do conhecimento e produção da existência” Lucídio Bianchetti (UFSC) e Ari Paulo Jantsch	

	<p>Ensino Médio e Educação Profissional” Acácia Kuenzer (UFPR), Dagmar Zibas (FCC) e Dalila Andrade Oliveira (UFMG)</p>			
<p>2001/ Coordenador Paulo Sérgio Tumolo (UFSC)/ Nilda Alves (Uerj)/ Nesse ano os trabalhos são avaliados por um parecerista ad hoc, indicado pelo coordenador do GT, mais um outro do comitê científico. O grande diferenciador é a constituição das sub-áreas, um facilitador para o parecer do comitê. A sub-área do GTTE vem com Estado e Política Educacional e Política de Educação Superior.</p>	<p>“Educação e desigualdades de gênero: perspectivas da pesquisa no Brasil” Fulvia Rosemberg (USP), Guacira Louro (UFRGS), Marília Pinto de Carvalho (USP). [com muitos outros Gts] “O trabalho como princípio embaixador de propostas educativas, de movimentos sociais” Rinaldo Mathias Fleuri (UFSC), Gaudêncio Frigotto (UFF), Paulo Sérgio Tumolo (UFSC); Maria Clara Bueno Fischer (UNISINOS)</p>		<p>“O Pensamento Pedagógico empresarial no Brasil: do industrialismo à competitividade” José dos S. Rodrigues (UFF)</p>	
<p>2002 /coordenador Paulo Sérgio Tumolo (UFSC)/ Presidente da Anped Nilda Alves (UERJ) Mais uma vez nos cadernos da Anped (como no ano anterior) destaca “os trabalhos excedentes”, na verdade eles não sendo uma das soluções apontadas para a explosão de trabalhos inscritos na Anped Nos cadernos da Anped há espaço também para uma avaliação por sub-áreas</p>	<p>“Competências em educação e a formação de professores” Teresinha Rios (PUC-SP), Kuenzer (UFPR), Carlos Marcelo Garcia (U. Sevilha) [junto com outros GTs] “Propostas educacionais alternativas ao projeto neoliberal” Maria Paula Gutierrez Meneses (Un. Eduardo Mondiane-Moçambique)</p>		<p>“A pesquisa educacional e o uso de imagens” Maria Ciavatta (UFF), Nilda Alves (UERJ) e Gustavo E. Fischman (Arizona State University)</p>	

	<p>Roberto Saenz (Inst. Nicaragüense de Investigación y Educación) [junto com outros GTs]</p>			
<p>2003/ Ccoordenadora Maria Ciavatta Franco (UFF)/ Presidente Betânia Leite Ramalho (UFRN/RN)</p>	<p>[Neste ano o manual não indica qual GT ou Gts são responsáveis pela Sessão Especial, o que selecionamos abaixo foram pelas evidências] “Projetos Políticos-pedagógicos em disputa: ensino médio X ensino profissional” Kuenzer (UFPR), Marise Ramos (Mec/semtec)</p>		<p>“Crise do Capital e implicações teórico-metodológicas na relação trabalho e educação” Frigotto (UFF) Sônia Rummert (UFF)</p>	
<p>2004/ Coordenadora Maria Ciavatta Franco/ Presidente Betânia Leite Ramalho (UFRN/RN)</p>	<p>“Juventude: trabalho, cultura e educação” Sônia Rummert (UFF), Marília Sposito (USP), Gladys Andrade (Ministério do Trabalho) [junto de outros GTs] “Financiamento da Educação Básica” Luiz Fernandes Dourado (UFG), José Marcelino de Rezende Pinto (USP) [junto de outros GTs] “Do currículo por competência ao ensino médio integrado” Eliza Bartolozzi Ferreira (SEE- ES), Nereide Saviani (UNISANTOS) Sandra Garcia (SEE-Pr) [junto de outros GTs]</p>		<p>“Trabalho e educação face às novas bases técnicas e culturais do Trabalho” Ramon Peña de Castro (UFSCAR)</p>	

Fonte: Cadernos da Anped (1995-2004)

A partir do quadro 6, ainda num movimento de reconhecimento, pode-se perceber que o GTTE tem uma boa participação dentro da Anped, para além de suas reuniões internas/específicas. Isso pode ser visto, sobretudo, nas participações nas “Sessões Especiais” e nos “debates”²⁷. As sessões especiais foram, na maior parte, realizadas juntos de outros GTs, o que nos permite inferir que há alguma disposição do GT para dialogar ou debater com outros GTs. E o diálogo na qual o GTTE é convidado a participar na maior parte das vezes está ligado às questões de “formação profissional”, ainda que em interface com variados temas. Ainda que não seja adequado dizer que a Anped determina para os GTs qual seria o seu recorte ou área temática, pode-se dizer que cada GT constrói uma face pública, provavelmente ligada à sua identidade interna, mas certamente também em consonância com as atribuições que lhes dão externamente. Parece que a Anped “responsabiliza” o GTTE pela temática da “formação profissional”, isto é, ao GTTE é atribuída a tarefa de refletir sobre esse tipo de educação, enquanto outros GTs se atarefam com outros tipos²⁸. Certamente, a identidade temática de um GT começa com sua própria denominação, mas, no caso do GTTE isso não fica tão explícito, o que faz com que o quadro acima seja importante para mostrar como a Anped demanda e cria expectativas sobre esse GT, e o quanto este a corresponde. No quadro as “sessões especiais” e os “debates” mostram o quanto a questão da “formação/educação profissional” se destaca, secundariamente também aparecem questões sobre o “trabalho docente” e “mudanças no mundo do trabalho e sua influência na educação básica”.

Kuenzer, na entrevista que nos concedeu, lembra o fim do GT de “Ensino Médio”. O GTTE acabou assumindo indiretamente ou em parte a reflexão daquele grupo, principalmente em função da interface com a temática da formação profissional. Trein, também em entrevista, percebe que a questão da “formação/educação profissional” é a principal temática que a Anped (ou melhor, seus participantes) atribui ao GTTE.

²⁷ Todas essas categorias e termos são dados pelos próprios Cadernos da Anped, por exemplo, no caderno de 1995 (ANPED, 1995) há espaço para o que eles chamam de “debate”, nos anos seguintes não aparece mais. Não obstante, pode-se dizer que a proposta de debate está subsumida na proposta das “Sessões Especiais” nos anos seguintes.

²⁸ Flávio Anício Andrade, em entrevista, também tem essa percepção, veremos no capítulo 4 a argumentação sobre essa característica dos “campos”, no caso os GTs, de oferece demarcações teóricas nítidas para a grande área de Educação.

Os mini-cursos também são levados em conta em nossa análise. Os mesmos podem ser vistos como uma sistematização mais aprofundada da formação, que os GTs oferecem aos seus participantes e aos participantes dos outros GTs da Anped. No caderno da Anped da 19ª Reunião, os minicursos foram apresentados da seguinte forma:

Em um evento de âmbito nacional, que conta com a participação de pesquisadores de ponta na área, assim como pesquisadores estrangeiros, a realização dos mini-cursos deve permitir um contato mais intenso de docentes e de pós-graduandos [...] para aprofundamento de temas específicos ou para uma introdução a abordagens novas (ANPED, 1996).

O que é apresentado nos minicursos e os professores que os realizam podem mostrar um pouco o que o GT tem a oferecer aos participantes da Anped.

O GTTE não ofereceu minicurso no primeiro ano (1996) em que esta modalidade foi implementada na Anped, mas a partir do ano seguinte passou a oferecê-los regularmente. Em duas ocasiões, o GTTE trouxe pesquisadores externos (no caso, inclusive de outros países) para realizar ou contribuir com o minicurso (1997 e 2002). Na maior parte das vezes, os minicursos foram conduzidos por membros atuantes do GTTE (já destacados no capítulo 1), como Maria Ciavatta (UFF), Pablo Gentili (UERJ), Sônia Rummert (UFF), Lucídio Bianchetti (UFSC), José Rodrigues (UFF), Gaudêncio Frigotto (UFF) e Ramon Peña de Castro (UFSCAR). Em alguns momentos, assim como nas sessões especiais, o GTTE fez parceria com outro GT (ver quadro 6) para a realização do minicurso (1998 e 1999). Ao todo, o GTTE ofereceu 10 minicursos entre 1996 e 2004, um número bem expressivo dentro da Anped²⁹. Os minicursos do GTTE trataram principalmente de questões macro relacionadas ao entendimento da relação entre trabalho e educação. De maneira geral, trazem questões sobre globalização, transformações no mundo capitalista do trabalho, sobre o desmantelamento do *Welfare State* e a influência do neoliberalismo, a historicidade do trabalho, a realidade do trabalho e do trabalhador no Brasil e questões sobre a construção do conhecimento.

De que forma o GTTE sente a influência da Anped, sobretudo em relação aos novos desafios que esta associação vem enfrentando? Essa reflexão é importante porque muitos movimentos que inicialmente poderiam ser considerados

²⁹ A partir dos mesmos cadernos da Anped, pôde se observado que o GT de sociologia, por exemplo, só vai oferecer seu primeiro minicurso em 2001, depois em 2002 e somente em 2004.

específicos do GTTE, na verdade, podem ser encontrados com precedência nesta Associação.

Quadro 7: *Trabalhos no GTTE – 2000-2004*

GTTE	2000	2001	2002	2003	2004
Total de inscritos e aceitos	21	23	33	22	27
Trabalhos aprovados	10	11	10	10	12
%aprovados/inscritos e aceitos	47,6	47,8	30,3	45,5	44,5

Fonte: Cadernos da Anped (2000-2004)

A primeira característica é que o GTTE tem uma proporção similar de trabalhos aceitos e aprovados a da Anped (comparar com o quadro 4). Interessante, porque mostra que o GTTE recebe, tem para avaliar e tem para aprovar um número de trabalho que, no geral, os outros GTs também têm. Quer dizer, o GTTE tem de enfrentar problemas similares aos da Associação a que pertence, ou melhor, reproduz dentro do grupo problemas e desafios, além dos seus específicos, que advêm das próprias características da Anped.

Enfim, sob este prisma, considerando a aproximação feita até aqui, o GTTE se mostra participativo na Anped, participa das sessões especiais, seus expoentes participam de vários fóruns, realiza atividades com outros GTs. O GTTE realiza e é solicitado a participar dessas atividades para tratar principalmente do tema “educação/formação profissional”. O GTTE tem membros, como a professora Acácia Kuenzer (ver quadro 6), que participam ativamente na Anped em fóruns inter-GTs, por conta da sempre necessária reflexão sobre a “educação profissional”, muitas vezes na interface com a reflexão do ensino médio. Com isso temos condição de prosseguir a análise, procurando apreender também o que é específico ao GTTE.

3.3- A Genealogia do GTTE: agentes que formam e agentes que participam

O movimento agora da pesquisa é o de apreender quais as instituições que se fazem mais presentes no GTTE. A partir de 132 trabalhos analisados (anexo 1) identificamos 51 instituições (anexo 2) e no quadro 8, estão relacionadas as 15 instituições que mais apareceram. Estas 15 apareceram em pelo menos 90 do total de 132 trabalhos analisados, representando 68% dos trabalhos.

Quadro 8 *As 15 principais instituições dos autores que enviaram trabalhos para o GTTE nas RAS da Anped – 1995-2004*

Instituições	Nº de trabalhos em que aparece
1. UFSC	13
2. UFCe	10
3. UFMG	10
4. UFF	9
5. UFBA	7
6. CEFET-MG (4) + CEFET-PR (2) + ETFQ –RJ (1)	7
7. UFRJ	6
8. UFPr	5
9. UFSCar	4
10. UNIOESTE	4
11. UERJ	3
12. EMFM	3
13. UFRN	3
14. UNESA	3
15. FIOCRUZ-ENSP (2) + FIOCRUZ- EPSJV (1)	3
Total	90

Fonte: *CDs da Anped 1995-2004*

Primeiramente, é interessante perceber que as doze primeiras instituições são públicas, sendo que apenas duas delas são estaduais e a maioria esmagadora é federal. E entre as duas últimas somente a UNESA, Universidade Estácio de Sá, é particular, já que a Fiocruz é uma fundação ligada ao governo.

A região sudeste é a que tem mais presença no GTTE, com a UFMG, UFF, UFRJ, CEFET-MG, UFSCAR, UERJ, UNESA, ETFQ-RJ, FIOCRUZ-ENSP e FIOCRUZ- EPSJV marcando presença em 42 trabalhos dos 85 desse grupo das “15 principais instituições” (quadro 8). A região sudeste tem uma presença substancial no GTTE, embora com uma presença não significativa das instituições do estado de São Paulo.

A região sul marca presença com a participação de membros da UFSC, a UFPR, o CEFET-PR e a UNIOESTE em 23 dos trabalhos.

Por sua vez, a região nordeste se faz presente em 20 trabalhos com a UFCE, UFBA e a UFRN.

Na divisão por estados, o Rio de Janeiro é o mais presente no GTTE, as instituições do Rio possuem 25 trabalhos dos 85 apresentados neste quadro 8, embora a UFF só apareça em quarto lugar no *ranking* geral, o que pode sugerir que o *grupo do Rio*, tem na UFF uma liderança branda.

A UFSC lidera a lista das instituições participantes do GTTE, seguida pela UFMG e a UFCE.

Em síntese, o quadro mostra que o sudeste é a região que tem maior presença no GTTE, sendo que as instituições de São Paulo são as menos presentes no grupo de trabalho, a não ser o caso da UFSCar. A UFMG propicia uma presença forte ao estado de Minas Gerais. No final, GTTE tem um forte sotaque carioca: do estado do Rio de Janeiro 6 instituições se fazem presentes nesse quadro, com destaque para a UFF, UFRJ e UERJ.

O próximo quadro é baseado no estudo dos *Currículos Lattes* dos autores (anexo 3 e 4) disponibilizados no *site* do CNPq. A intenção dessa análise era identificar as instituições em que os agentes participantes do GTTE fizeram seus mestrados e doutorados. Destacamos abaixo, nesse quadro 9, as treze instituições que se destacaram dentre as 46 IES arroladas (anexo 6) e que tiveram presença na vida acadêmica de pelo menos dois dos autores-pesquisador³⁰.

³⁰ Qualquer um dos autores que tenha enviado trabalho ou participado de algum evento do GTTE.

Quadro 9 *As 13 principais “Escolas Formadoras” dos autores do GTTE – 1995-2004*

Escolas de Formação (Mestrado/Doutorado em Educação)	Número de vezes em que apareceram no quadro geral
1. PUC- SP	23
2. UFF	11
3. UNICAMP	11
4. UFCE	9
5. UFRJ	8
6. UFMG	7
7. UFSCar	7
8. USP	6
9. PUC-RJ	5
10. UFBA	5
11. UNESP	4
12. UNIMEP	4
13. UFPR	3

Fonte: CDs da Anped de 1995-2004 e a Plataforma Lattes - CNPq

O que mais chama a atenção no quadro 9 é a liderança expressiva da PUC-SP, seguida pela UNICAMP e pela UFF, que dividem o segundo lugar.

Um fato curioso se revela quando comparamos os quadros 8 e 9. Neles, vemos que, a despeito das IES do estado de São Paulo não se destacarem como sendo as instituições de origem dos autores-pesquisador (a não ser pela presença da UFSCar), são as universidades de São Paulo as escolas formadoras dominantes desses mesmos autores do GTTE. Principalmente a PUC-SP, a UNICAMP, a UFSCar, a USP, a UNESP e a UNIMEP marcam presença substancial na formação de muitos dos autores-pesquisadores do GTTE.

A análise dos dois quadros permite dizer que o GTTE tem um sotaque carioca, mas que a formação de seus agentes é expressivamente paulista. Quer dizer que a tradição que vem desde Demerval Saviani se mantém e a PUC-SP continua sendo uma das principais escolas formadoras dos pesquisadores em Trabalho e Educação. Assim como o professor Demerval Saviani foi mestre de Gaudêncio Frigotto, de Acácia Kuenzer e de Lucília Machado, entre outros, agora há um outro professor atuando na PUC-SP³¹ e contribuindo para a formação de novos quadros, trata-se de Celso Ferreti, como veremos mais à frente. Além das escolas paulistas, a UFF, UFMG, UFCE e UFPR merecem ser destacadas como as instituições formadoras e as mais presente no GTTE.

³¹ Até o período estudado, quer dizer, até 2004.

Para a complementação da nossa análise sobre as instituições que fazem o GTTE, utilizamos um documento chamado “Intercrítica”. Trata-se de um relatório-síntese originado no primeiro encontro nacional, que se propunha a promover um intercâmbio entre os diferentes núcleos de pesquisa sobre Trabalho e Educação, realizado na UFF em agosto de 2002 (cf. REIS; LOBO, 2002). Este documento cita as seguintes instituições como as que têm os principais programas de pós-graduação na área de Trabalho e Educação: IESAE-FGV (2), PUC-SP, UFBA, UFCE, UFF, UFMG, UFPR, UFRGS e UFSCar (REIS; LOBO, 2002). Pode-se perceber que boa parte dessas instituições são as mesmas que possui maior proeminência dentro do GTTE, de acordo com os quadros 8 e 9. Os núcleos de pesquisa participantes desse encontro envolvem também outras instituições, a saber: 1) Núcleo Trabalho e Educação, Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará; 2) Grupo de Pesquisa em Educação e Trabalho, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina; 3) NETE-UFMG, Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; 4) Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre as Relações/Educação, PUC-SP e Fundação Carlos Chagas (FCC); 5) Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação – Universidade Federal da Bahia; 6) Núcleo de Estudos em Trabalho e Educação, Universidade Federal do Paraná; 7) Núcleo Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRAMSE) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 8) Grupo de Estudos sobre Trabalho e Educação, Universidade do Vale dos Sinos; 9) Grupo de Estudos sobre Trabalho e Educação, Universidade de Brasília; e 10) NEDDATE-UFF, Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. (cf. REIS; LOBO, 2002)

Dos 10 núcleos apresentados pelo documento Intercrítica, considerando as instituições que representavam, somente três não apareceram entre as mais atuantes dentro do GTTE (de acordo com os quadros 8 e 9): a UNB, a UFRGS e a UNISINOS. A principal proposta do documento Intercrítica foi a de levantar as características gerais de cada núcleo, apresentar seus maiores desafios e por fim apontar caminhos e sugestões. Precisamente os três núcleos que não se apresentaram como marxistas são os menos presentes no GTTE, pelo menos no período considerado em nossa pesquisa. O núcleo da UFRGS apresentou-se como

sendo “plural”³², da mesma forma que o grupo vindo da UNISINOS, enquanto a UNB não se definiu por conta de seu núcleo ser ainda muito novo e estar em fase de estruturação. Mais uma vez, considerando os estudos que fizemos no capítulo 1, o GTTE mostra como a sua identidade está mais ligada à perspectiva teórica do marxismo do que a alguma temática. O documento Intercrítica é emblemático. A discussão dos outros 7 grupos se assenta exatamente nos desafios que os núcleos enfrentam por se identificarem com o marxismo (Mais à frente, ainda neste capítulo, voltaremos a trabalhar com esse documento, principalmente para trazer os problemas e desafios que nele foram levantados).

Retomemos agora às instituições de origem dos coordenadores, com a intenção de apreender quem se fez presente no GTTE em relação à liderança. O quadro 10 apresenta o nome de todos os coordenadores desde a fundação do GTTE até 2004.

Quadro 10 *As instituições dos coordenadores do GTTE até 2004*

Coordenador do GTTE ou vice-coordenador	Período em que este na coordenação (colegiada ou não)	Instituição que representava na época	Instituição de formação no Doutorado	Instituição de formação no Mestrado	Graduação
Jacques Veloso	1981-1982	UNB	Stanford University, SU, Estados Unidos.	Stanford University, SU, Estados Unidos.	Ciências Políticas – PUC-RJ
Miguel Arroyo	1982-1988	UFMG	Stanford University	UFMG	Ciências Sociais-UFMG
Gaudêncio Frigotto	1982-1990	UFF	PUC-SP	FGV-RJ	Filosofia/Pedagogia - FIDENE
Nilton Fisher	1987-1988	UFRGS	Stanford University, SU, Estados Unidos	UFRGS	Ciências Econômicas UNISINOS
Paolo Nosella	1988-1990	UFSCar	PUC-SP	PUC-SP	Filosofia - UNISINOS
Iracy Picanço	1988-1991 e 1991-1993	UFBA	UFBA	UFBA	Pedagogia-UFBA
Eunice Trein	1994-1996	UFF	UFRJ	FGV-RJ	Filosofia-UPF
Celso Ferreti	1997-1998	PUC-SP	PUC-SP	PUC-SP	Pedagogia-USP
Lucília Machado	1999-2000	UFMG	UFMG	PUC-SP	Ciências Sociais - UFMG
Paulo Tumolo	2001-2002	UFSC	PUC-SP	PUC-SP	Filosofia/PUC-

³² A professora Marlene Ribeiro (coordenadora do GTTE para o biênio de 2005-2006), na entrevista que nos concedeu, ofereceu uma breve reflexão sobre a participação da UFRGS na área de Trabalho e Educação, lembrou os nomes dos professores Nilton Fischer (este chegou a ser coordenador do GTTE, 1987-1988) e Tomaz Tadeu da Silva, mas confirmou que foi por um curto período e o interesse deles, principalmente deste último pela área não perdurou, palavras dela: *Tomaz Tadeu mudou sua temática de pesquisa em 1991, mas até esse período coordenou importantes publicações no campo Trabalho e Educação, através da Editora das Artes Médicas.*

					Minas
Maria Ciavatta Franco	2003-2004	UFF	PUC-RJ	FGV-RJ	Filosofia/PUC-RJ

Fonte: CDs da Anped de 1995-2004

O primeiro ponto que pode ser observado no quadro 10 diz respeito a algo que já foi comentado no capítulo 1, por ocasião do mapeamento do GTTE. Referimo-nos ao expressivo número de coordenadores desde o início do GTTE. São 11 nomes em 23 anos (1981-2004), uma boa média, que mostra uma participação efetiva de vários pesquisadores e instituições. As experiências de coordenação foram várias, houve duplas, coordenação com vice-coordenação, colegiado e muitas vezes um único coordenador, o que garantiu a participação de vários membros do GT. Não obstante, alguns tiveram uma maior presença em função das diferentes composições. Nesses casos, destacam-se: Gaudêncio Frigotto com 9 anos sequenciais de coordenação, Miguel Arroyo com 7 anos, Iracy Picanço com 6 anos (em dois períodos diferentes) e Eunice Trein com 3 anos. Quanto às instituições, a UFF foi a que mais esteve à frente do GT, com as coordenações de Frigotto, Trein e Ciavatta conseguiu estar efetivamente na liderança do grupo por 14 anos do total de 23 anos de existência do GTTE.

Interessante esse ponto para entender o GTTE, considerando essa rotatividade de coordenadores, porque um dos pontos mais caros para entender a correlação de força é sobre a questão da manutenção e acesso à *autoridade científica* dentro de um *campo*, no caso *científico* (conforme BOURDIEU, 1994). Havendo rodízio significa que no GTTE a luta pelo *monopólio* pela autoridade científica está bem controlada? A nossa hipótese é que tal *monopólio da autoridade científica* – busca de qualquer *agente* em qualquer *campo*, e um pressuposto para análise de Bourdieu (2004) – aparece no GTTE ligado ao monopólio da teoria marxista. Não obstante, é uma análise que aprofundaremos mais à frente (no capítulo 4).

Uma outra característica que aparece no quadro dos coordenadores é a presença da PUC-SP como a principal escola formadora dos agentes do GTTE. Dos 11 coordenadores arrolados acima, 5 passaram pelos bancos escolares da PUC-SP.

Neste ponto, pode-se inferir que no GTTE: a PUC-SP forma os agentes e a UFF dispõe as lideranças.

Um terceiro ponto, que talvez explique algumas das características do GTTE, é a percepção de que a maior parte desses coordenadores tem sua graduação em

filosofia. Dos 11 coordenadores relacionados, apenas dois fizeram pedagogia, dois ciências sociais, um fez ciências políticas, outro economia e cinco fizeram filosofia. Um número muito expressivo de filósofos somados aos sociólogos não chega a explicar, mas, em parte, carrega duas características do GTTE que levantamos no capítulo anterior: a) a pré-disposição a produzir trabalhos teóricos; e b) a pré-disposição a realizar pesquisas em que a escola em si fica em segundo plano em relação às questões mais sociológicas, econômicas e mesmo filosóficas. Durante a entrevista, a professora Eunice Trein nos lembrou dessa característica da formação dos coordenadores em filosofia.

O fato de nós termos vários pesquisadores da área “trabalho educação”, ligados a área da filosofia faz com que esse tipo de reflexão fique mais teórico. A teoria tem um apelo muito grande para essas pessoas. Nós trabalhamos muito na filosofia com a teoria e em segundo lugar porque o GT tem como referência o pensamento marxista, em que a questão teórico-metodológica é fundamental. Para se fazer uma análise do real, mais rigoroso do ponto de vista metodológico, há de se ter uma apropriação muito consistente dos conceitos que essa teoria já desenvolveu, uma teoria muito robusta...

Esta passagem de Trein vai ao encontro das características que percebemos nos trabalhos do GT, como também ensaia uma explicação para elas.

Em relação ao quadro de coordenadores há um ponto que precisa ser revisto. Nos referimos à percepção (ver capítulo 1) de que os pesquisadores mais influentes foram aqueles que também assumiram a coordenação, porém há uma exceção que é a Acácia Kuenzer. Ela sempre foi uma das mais atuantes participantes do GTTE, esteve entre seus fundadores, é uma das principais referências e uma das mais solicitadas para representar o GT noutros espaços dentro e fora da Anped (como vimos no início deste capítulo), mas nunca foi coordenadora. Eunice Trein na entrevista também enfatizou este aspecto, considerando que Kuenzer foi um dos mais influentes membros do GTTE. Por conta de tudo isso vale acrescentá-la ao grupo dos “coordenadores” (agora com aspas):

Quadro 10b *Complementa o quadro 10 - As instituições dos “coordenadores” do GTTE até 2004*

	Instituição que representa	Instituição de formação no Doutorado	Instituição de formação no Mestrado	Graduação
Acácia Kuenzer	UFPr	PUC-SP	PUC-RS	Pedagogia-PUC-Pr

Fonte: CDs da Anped de 1995-2004

Com a Kuenzer reaparece a UFPR, que já estava nos quadros “das instituições mais influentes” e das “escolas formadoras”, confirmando a importância dessa instituição para o GTTE. Kuenzer também reforça a característica do PUC-SP como “escola formadora”, pois lá ela fez seu doutorado. Kuenzer, ao lado de Ferreti e Picanço compõe um subgrupo dos que se formaram em pedagogia. Picanço e Kuenzer (ver capítulos 1 e 4) estão também entre os membros que mais cobram do GTTE investigações mais voltadas à questão da educação escolar.

Na verdade, parece que a principal tarefa das pedagogas, Picanço e Kuenzer, foi a de não deixar que o GTTE fosse ainda mais à direção de refletir teoricamente o mundo do trabalho. Celso Ferreti também merece um destaque neste grupo dos pedagogos do GTTE, principal expoente da principal “escola formadora”, a PUC-SP, foi orientador de vários membros que vão ganhar destaque no grupo. Em seu *Currículo Lattes* pode ser percebido que as suas investigações se voltam para refletir, sobretudo, a educação básica, indo ao encontro das orientações de Kuenzer em que mostra seu desejo que as pesquisas em TE sejam menos sociológicas, menos voltadas ao aspecto econômico, e mais voltadas ao aspecto educacional. Não obstante, esse grupo dos pedagogos dentro do GTTE é um grupo proporcionalmente menor. A seguir vem a análise sobre os autores dos “trabalhos encomendados”.

Quadro 11 *Os autores dos Trabalhos Encomendados do GTTE – 1997-2004*

Coord(a). na época	Trabalhos Encomendados			
Celso Ferreti PUC-SP	“Desafios teórico-metodológicos e perspectivas para a pesquisa sobre as relações entre trabalho e educação em face das transformações ocorridas no âmbito do trabalho e do papel social da educação (em particular, a escola)” Acácia Kuenzer (UFPR)	“Trabalho, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento da historicidade do discurso”. Gaudêncio Frigotto (UFF) 1997	“A formação humana integral para uma socioeconomia solidária: uma práxis superadora” Marcos ARRUDA (IPACS / Instituto Transnacional de Amsterdã) 1998	“A política de formação técnico-profissional, globalização excludente e desemprego estrutural” Gaudêncio Frigotto (UFF) 1998
Lucília Machado UFMG	“Os horizontes se ampliam ou restringem-se? Desafios para a investigação no campo da educação a partir da categoria trabalho” Iracy Picanço (UFBA) 1999	“Economia da educação x economicismo” Cláudio Salm (UFJF) 1999	“Trabalho e Educação: desafios teóricos e problemas conceituais e metodológicos” Gaudêncio Frigotto (UFF) 2000	

Paulo Tumolo UFSC	“O trabalho e seus sentidos: teses e polêmicas contra a desconstrução do trabalho” Ricardo Antunes (UNICAMP) 2001	“Trabalho e Educação: uma análise para debate” Maria Ciavatta (UFF), Eunice Trein (UFF) 2002	“Trabalho e Educação na produção acadêmica dos núcleos de pesquisa” Lucília Machado (UFMG) 2002
Maria Ciavatta Franco UFF	“Emprego, trabalho e alternativas de economia popular e solidária” José Carlos Assis (UFRJ), Antonio David CATTANI (UFGRS) e Iracy PICANÇO (UFBA) 2003	“Politecnicia ou Educação tecnológica: desafios ao ensino médio e à educação profissional” Domingos Leite Lima (CEFET-Pr), Nilson Dias Garcia (CEFET-PR) 2004	

Fonte: CDs da Anped de 1995-2004

A partir do quadro 11, pode-se observar que a UFF volta novamente a se destacar, dos 12 trabalhos encomendados entre 1997 e 2004, essa instituição aparece 4 vezes, ou seja, um terço dos trabalhos são de pesquisadores da UFF. E Gaudêncio Frigotto se destaca. Somente ele tem 3 trabalhos encomendados pelo GTTE. E se compararmos esse quadro com o quadro 8, percebe-se que as instituições que são mais convidadas a fazer os trabalhos encomendados são as mesmas que se destacam em enviar trabalhos para o GTTE. E o mais importante, os trabalhos são encomendados geralmente aos mais renomados membros do GTTE, para aqueles que mais tiveram influência (de acordo com que viemos analisando até aqui), exemplos: Frigotto, Kuenzer, Picanço, Machado, Ciavatta e Trein. A análise dos títulos e do conteúdo desses trabalhos encomendados é feita no capítulo 3, aqui a proposta é se aproximar de seus autores. Pelos autores que encontramos pode-se inferir que o GTTE entende o trabalho encomendado como um momento que seus mais atuantes pesquisadores possuem de recolocar e ajustar a teoria sobre a relação entre trabalho e educação, porque praticamente não há encomendas de trabalhos a pesquisadores “estranhos” ao grupo. Nos trabalhos encomendados o GTTE é mais ortodoxo, quer dizer, volta-se teoricamente para si mesmo, e endógeno, volta-se para seus principais expoentes e suas principais instituições, ou seja, volta-se para aqueles que estiveram na sua fundação, na sua coordenação ou tiveram destaque ao longo de sua história. Isto significa que nos momentos em que há um grau maior de escolha, caso dos “Trabalhos Encomendados”, o GTTE opta por si mesmo, mantém a análise com seus principais membros. A seguir, veremos como fica isso para os *minicursos*:

Quadro 12 *Os autores dos Minicursos do GTTE – 1997-2004*

Ano/Coordenador(a)	Mini-cursos e Autor [participação com outro GT]
1996 Coordenadora Eunice Trein (UFF)/	1º ano dos mini-cursos, o GTTE não ofereceu.
1997 Coordenador Celso Ferreti (PUC-SP)	“O Trabalho em transformação e as tendências culturais dos jovens” Prof. Dr. Silvio Scanagatta (Un. De Pádua, Itália)
1998 /Coordenador Celso Ferreti (PUC-SP)	Minicurso. “Imagens do Mundo do Trabalho: a fotografia como fonte histórica” Prof. Dra. Maria Ciavatta Franco (UFF) [Também para o GT Educação e Comunicação] “Retórica da Desigualdade: educação, trabalho e exclusão social na perspectiva doutrinária do neoliberalismo” Prof. Dr. Pablo Gentili (UERJ)
1999/ Coordenadora Lucília Machado	“Trabalho e educação na sociedade brasileira: uma perspectiva histórica” Prof. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP) e Prof. Dra. Maria Ciavatta Franco (UFF) [também para o GT História da Educação] “A construção da identidade do trabalhador no Brasil Atual” Prof. Dra. Sônia Maria Rummert (UFF)
2000 /coordenadora Lucília Machado (UFMG)	“Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e sociedade do conhecimento: produção do conhecimento e produção da existência” Lucídio Bianchetti (UFSC) e Ari Paulo Jantsch
2001/ Coordenador Paulo Sérgio Tumolo (UFSC)	“O Pensamento Pedagógico empresarial no Brasil: do industrialismo à competitividade” José dos S. Rodrigues (UFF)
2002 /coordenador Paulo Sérgio Tumolo (UFSC)	“A pesquisa educacional e o uso de imagens” Maria Ciavatta (UFF), Nilda Alves (UERJ) e Gustavo E. Fischman (Arizona State University)
2003/ Ccoordenadora Maria Ciavatta Franco (UFF)	“Crise do Capital e implicações teórico-metodológicas na relação trabalho e educação” Frigotto (UFF) Sônia Rummert (UFF)
2004/ Coordenadora Maria Ciavatta Franco (UFF)	“Trabalho e educação face às novas bases técnicas e culturais do Trabalho” Ramon Peña de Castro (UFSCAR)

Novamente a UFF se destaca. A Universidade Federal Fluminense se destaca de tal forma também nos minicursos que, em consonância com o que já vínhamos percebendo com os outros quadros, pode-se agora afirmar que a UFF é o principal agente institucional do GTTE. Dos dez minicursos levantados acima, há em seis deles pelo menos um representante da UFF. E somente dois dos minicursos são realizados por autores “externos”, que dizer, de autores que não participam efetivamente do grupo. Isto é, endogenia também nos minicursos.

Agora a análise recai sobre outros agentes do GTTE, aqueles pesquisadores que exerceram/exercem também alguma influência importante no GTTE, porque realizam “Trabalhos Encomendados”, ministram “minicursos” do GTTE, ou são apontados pelos entrevistados, ou ainda, porque foram citados pelos documentos estudados (principalmente TREIN; CIAVATTA, 2003 - ver capítulo 1). Alguns desses até poderiam ser agrupados como pesquisadores *seniors*, porém este grupo se difere do anterior, porque são agentes que não foram coordenadores e nem apareceram entre os fundadores do GTTE.

Quadro 13 *A Segunda Geração: autores que conseguiram expressão no GTTE*

Pesquisador do GTTE (ordem alfabética)	Instituição que mais representou (a) no GTTE	Instituição de formação no Doutorado	Instituição de formação no Mestrado	Graduação
Dagmar Zibas	FCC	USP	PUC-SP	Pedagogia - MACKENZIE
Enéas de A. Arrais Neto	UFCE	UFCE e University Of London Uk, UL, Grã-Bretanha	UFCE	Arquitetura e Urbanismo -UFCE
Eneida Shiroma	UFSC	UNICAMP E London School Of Economics And Political Sciences, LSE, Inglaterra	-----	Graduação em Terapia Ocupacional - UFSCAR
Fernando Fidalgo	UFMG	PUC-SP	UFMG	Pedagogia FURG
Isilda Campaner Palangana	UEM	PUC/SP	PUC/SP	Pedagogia - FEECLEP
José Rodrigues	UFF	UNICAMP	UFF	Matemática UFRJ
Lia Tiriba	UFF	Univ. Complutense de Madrid	UFF	Pedagogia
Lucídio Bianchetti	UFSC	PUC-SP	PUC-RJ	Pedagogia
Neize Deluize	UFRJ	UFRJ	UFRJ	Ciências Sociais UFRJ
Pablo Gentili	UERJ	Universidad de Buenos Aires Facultad de Filosofía y Letras, UBA	Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, FLACSO	Graduação em Ciências da Educação
Ramon P. de Castro	UFSCar	Em Economia.. Univ. Lormonosov de Moscou, UELM, Rússia	-----	Economia - UELM, Rússia

Roberto Leher	UFRJ	USP	UFF	Pedagogia - UFRJ
Sônia Rummert	UFF	PUC-RJ	UFF	Pedagogia. Universidade Santa Úrsula

Fonte: Cds da Anped 1995-2004 e Cadernos da Anped 1995-2004

Como esse quadro 13 não pode garantir que estejam do GTTE todos os pesquisadores com as características descritas acima, a reflexão aqui o considera uma amostra. E o que se observa imediatamente é novamente a forte presença da UFF e da PUC-SP, e neste caso a UFF também presente na formação desses pesquisadores do GTTE. O que sugere que, para essa segunda geração, a UFF começa também a ganhar destaque como uma escola formadora para o GTTE. Esse é o quadro que representa a geração seguinte à dos fundadores e dos coordenadores dentro do GTTE. Um grupo em que a maior parte tem a formação de graduação em pedagogia, em que muitos tiveram como mestres os fundadores e coordenadores do GTTE, ou seja, os da “primeira geração”. Celso Ferreti, por exemplo, foi orientador de doutorado de Lucídio Bianchetti, Fernando Fidalgo e Isilda Palangana. Também como exemplo, Gaudêncio Frigotto foi orientador de doutorado de Lia Tiriba e Pablo Gentili, assim como foi de mestrado de José Rodrigues. A análise dessa geração vai se complementar com a seguinte, o da “terceira geração”.

O próximo grupo que vamos analisar foi o mais arriscado de compor, que seria o dos novos agentes, ou da “terceira geração”, pois, como é um grupo que ainda está construindo sua participação no GTTE, elencar seus participantes poderia parecer arbitrariedade. Assim, para constituir esse grupo partimos primeiramente dos estudos de Trein e Ciavatta (op.cit.), quando apresentaram os principais trabalhos do GTTE entre 1996 e 2001; depois, consultando os *Currículos Lattes* dos autores montamos um quadro (14) com aqueles que defenderam seu doutorado do ano 2000 em diante, tendo assim a garantia de que eram, no mínimo, recém doutores.

Quadro 14 *A Terceira Geração: Novos Autores que conseguiram alguma expressão no GTTE*

Pesquisador do GTTE (ordem alfabética)	Instituição que representou no GTTE	Instituição de formação no Doutorado/ orientador	Instituição de formação no Mestrado/ orientador	Graduação	Vínculo Institucional Atual (em 2006)
Flávio Anício	UFF e	USP/ 2003	UFF/1996	Ciências	UNESA

Andrade	UNESA	Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno	Gaudêncio Frigotto	Sociais/UFF	
Francisca R. B. Andrade	UECE	USP (2000) /Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno	UFCE (1995)/ Werner Ludwig Markert	Serviço Social - UECE	UECE
Geórgia Sobreira dos Santos Cêa	UNIOESTE	PUC/SP (2003)/ João dos Reis Silva Júnior	UFF (1996)/ Gaudêncio Frigotto	Pedagogia - UERJ	UNIOESTE
Graciela Hopstein	UFRJ	UFRJ (2004)/ José María Gómez	UFF (1999)/ Gaudêncio Frigotto	Ciências da Educação- Universidad de Buenos Aires, U.B.A	Instituto Dialog
Herbert Gomes Martins	UFF	UFRJ* (2004) Michel Jean-Marie Thiollent	UFF (1997)/ Osmar Fávero	Ciências Sociais - UFRJ	Universidade do Grande Rio
Maria Onete Lopes Ferreira	UFSCar	UFSCar (2001) /Paolo Nosella	UFCE (1995)/ Suzana Jimenez	Pedagogia - UFCE	UNESA
Maria Vieira Silva	UFU	UNICAMP (2001) /Águeda Bernadete Bittencourt Uhle	UFU (1995) Jefferson Ildefonso da Silva	Pedagogia - UFU	UFU
Marise Ramos	ETFQ-RJ e UERJ	UFF (2001)/ Gaudêncio Frigotto	UFF (1995)/ Gaudêncio Frigotto	Licenciatura de química - UERJ	FIOCRUZ - UERJ - CEFETQ
Noela Invernizzi	UFPr	UNICAMP *(2000)/ Leda Caira Gitahy	UNICAMP* (1996)/ Ruy de Quadros Carvalho	Antropologia . Universidad de la República, UR, Uruguai	UFPr
Ronaldo Marcos de Lima Araujo	UFMG	UFMG (2000)/ Lucília Regina de Souza Machado	PUC/SP (1996)/ Celso João Ferretti	Pedagogia - UNAMA	UFPA

Fonte: Plataforma Lattes – CNPq e contribuição de TREIN; CIAVATTA, 2003.

(*) Não são programas em Educação.

A esta altura já é redundante dizer que a UFF se destaca. Só que agora há uma peculiaridade, a UFF supera bem a PUC-SP, agora também no quesito “formação”. Isso significa que para essa terceira geração a UFF aparece não apenas como a principal instituição participante do GTTE, mas também como a principal escola de formação. Quer dizer, quanto mais ao passado formos mais encontramos a formação dos agentes do GTTE ligada à PUC-SP, e quanto mais nos aproximamos do presente mais a formação dos agentes fica ligada à UFF. A graduação da maior parte dos participantes desse subgrupo é em Pedagogia. O que traz outra característica para o GTTE. Quanto mais vamos ao passado, mais a formação dos agentes do GTTE está ligada à filosofia e às Ciências Sociais, e quanto mais próximo do presente, mais ligada à Pedagogia.

Nos quadros anteriores, foi visto que o GTTE, em relação aos minicursos e aos trabalhos encomendados, dá essas tarefas principalmente para os seus pesquisadores *seniors*. O que poderia ser o óbvio, mas não é, pois tanto o “trabalho encomendado” quanto o “minicurso” poderiam também ser “entregues”, numa maior proporção, a pesquisadores externos ao grupo. Na verdade, esse ponto tem a ver com a relação e os espaços que o GTTE engendrou para os *seniors* e para os novatos. O próximo quadro (15) tem a tarefa de mapear como as diferentes gerações do GTTE se colocam diante da produção do GTTE, agora referente aos trabalhos que precisam ser selecionados para a apresentação.

Quadro 15: *As três gerações do GTTE com os seus afazeres*

AUTOR-PESQUISADOR (GERAÇÃO)	TRABALHO (S) QUE APRESENTOU NO GTTE ENTRE 1995-2004 (INCLUSIVE PÔSTER)	R.A. DA ANPED/ANO
PAOLO NOSELLA (1ª GERAÇÃO)	<ul style="list-style-type: none"> • ESCOLÁSTICA OU HISTORICISMO? (COM ESTER BUFFA) • ÉTICA E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL 	<ul style="list-style-type: none"> • 18/1995 • 26/2003
MARIA CIAVATTA FRANCO (1ª GERAÇÃO)	<ul style="list-style-type: none"> • FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA O TRABALHO INCERTO: UM ESTUDO COMPARATIVO BRASIL, MÉXICO E ITÁLIA 	<ul style="list-style-type: none"> • 20/1997

PAULO SERGIO TUMOLO (2ª GERAÇÃO)	<ul style="list-style-type: none"> • A EDUCAÇÃO FRENTE ÀS METAMORFOSES NO MUNDO DO TRABALHO: UMA PROPOSTA DE MÉTODO DE ANÁLISE • A CUT E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: ESBOÇO DE ANÁLISE CRÍTICA • <i>DA SUBSUNÇÃO FORMAL DO TRABALHO À SUBSUNÇÃO REAL DA VIDA SOCIAL AO CAPITAL: APONTAMENTOS DE INTERPRETAÇÃO DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO</i> • VIVÊNCIA DE PESSOAS DESEMPREGADAS E O SIGNIFICADO DO DESEMPREGO NO CAPITALISMO: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA (COM LIGIA MARIA SOUFEN TUMOLO) • TRABALHO, ALIENAÇÃO E ESTRANHAMENTO: VISITANDO NOVAMENTE OS “MANUSCRITOS” DE MARX 	<ul style="list-style-type: none"> • 19/1996 • 22/1999 • 23/2000 • 26/2003 • 27 / 2004
DAGMAR M.L.ZIBAS	<ul style="list-style-type: none"> • O REVERSO DA MEDALHA: OS LIMITES DA ADMINISTRAÇÃO INDUSTRIAL PARTICIPATIVA (UM ESTUDO DE CASO) 	<ul style="list-style-type: none"> • 17/1996
ENÉAS ARRAIS NETO	<ul style="list-style-type: none"> • DESQUALIFICAÇÃO GLOBAL DO TRABALHO: A EXCENTRICIDADE DE UMA VISÃO UNITÁRIA DA CLASSE-QUE-VIVE-DO-TRABALHO • MODERNIDADE E QUALIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES: EM BUSCA DA OMNILATERALIDADE NA FORMAÇÃO HUMANA. • MUNDIALIZAÇÃO E CRISE DO CAPITAL – A RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE ESSÊNCIA E FENÔMENO NA CONSTITUIÇÃO REAL DO MUNDO DO TRABALHO 	<ul style="list-style-type: none"> • 24/2001 • s/d • 26/2003
ENEIDA OTO SHIROMA	<ul style="list-style-type: none"> • A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR DISCIPLINADO 	<ul style="list-style-type: none"> • 18/1995
ISILDA CAMPANER PALANGANA	<ul style="list-style-type: none"> • <i>INDIVIDUALIDADE: AFIRMAÇÃO E NEGAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • 21/1998
JOSÉ RODRIGUES	<ul style="list-style-type: none"> • PENSAMENTO PEDAGÓGICO INDUSTRIAL • RUMO À NOVA AMÉRICA: PÓS-MODERNISMO, TRABALHO E 	<ul style="list-style-type: none"> • 21/1998 • 27 / 2004

	EDUCAÇÃO SUPERIOR NO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO (COM LUIZA CRISTINA RANGEL SASSI)	
LUCÍDIO BIANCHETTI	<ul style="list-style-type: none"> • AS NOVAS TECNOLOGIAS E O DEVASSAMENTO DO ESPAÇO-TEMPO DO SABER TÁCITO DOS TRABALHADORES • A FORMAÇÃO DO ‘TOTAL TRABALHADOR SADIA’ - ESTRATÉGIAS DE QUALIFICAÇÃO DE TRABALHADORES EM UMA EMPRESA AGROINDUSTRIAL (COM DULCINÉIA CRUZ) 	<ul style="list-style-type: none"> • 21/1998 • 24/2001
NEISE DELUIZ	<ul style="list-style-type: none"> • PROJETOS EM DISPUTA: EMPRESÁRIOS, TRABALHADORES E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL • O ENTENDIMENTO DA CUT, CGT E FS SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO FACE ÀS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO: TENSÕES E DINÂMICAS ESTRUTURAIIS E CONJUNTURAIIS (COM DONALDO BELLO DE SOUZA E MARCO AURÉLIO SANTANA) 	<ul style="list-style-type: none"> • 19/1996 • 22 / 1999
PABLO GENTILI	<ul style="list-style-type: none"> • ¿LA MALDICION DIVINA? LAS COMPLEJAS RELACIONES ENTRE LOS HOMBRES DE NEGOCIOS Y LAS POLITICAS EDUCATIVAS 	<ul style="list-style-type: none"> • 19/1996
ROBERTO LEHER	<ul style="list-style-type: none"> • EDUCAÇÃO E TEMPOS DESIGUAIS: RECONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA TRABALHO-EDUCAÇÃO • PARA FAZER FRENTE AO APARTHEID EDUCACIONAL IMPOSTO PELO BANCO MUNDIAL: NOTAS PARA UMA LEITURA DA TEMÁTICA TRABALHO-EDUCAÇÃO 	<ul style="list-style-type: none"> • 19/1996 • 22/1999
FLÁVIO ANÍCIO ANDRADE (3ª GERAÇÃO)	<ul style="list-style-type: none"> • A FORMAÇÃO DO “CIDADÃO-TRABALHADOR”: EDUCAÇÃO E CIDADANIA NO CONTEXTO DO “NOVO INDUSTRIALISMO” • EDUCAÇÃO SEM DISTÂNCIA - AS DEMANDAS DA PRODUÇÃO E UMAPROPOSTA FORMATIVA EMPRESARIAL: O PROGRAMA TELECURSO 2000 • REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, ESTADO E EDUCAÇÃO NO BRASIL 	<ul style="list-style-type: none"> • 21/1998 • 22/1999 • 24/2001 • 27/2004

	<p>DE HOJE</p> <ul style="list-style-type: none"> • (CON)FORMAÇÃO PARA UM TRABALHO COMPETENTE: A REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL (1998-2002) 	
FRANCISCA REJANE BEZERRA ANDRADE	<ul style="list-style-type: none"> • A FORMAÇÃO PROFISSIONAL FACE À REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO CEARÁ 	<ul style="list-style-type: none"> • 18/1995
GEORGIA SOBREIRA DOS SANTOS CÊA	<ul style="list-style-type: none"> • A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO BÁSICA: ELEMENTOS DE UM CONSENSO INTERESSADO • A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL COMO INSTRUMENTO DE REGULAÇÃO SOCIAL: DO PLANFOR AO PNQ 	<ul style="list-style-type: none"> • 22 / 1999 • 27/2004
HERBERT GOMES MARTINS	<ul style="list-style-type: none"> • A QUALIDADE TOTAL COMO CONFORMAÇÃO DO CAMPO PEDAGÓGICO ATRAVÉS DA APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL: O CASO DA COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA - FILIAL RIO DE JANEIRO. 	<ul style="list-style-type: none"> • 20/1997
MARIA ONETE LOPES FERREIRA	<ul style="list-style-type: none"> • A CRISE DOS REFERENCIAIS E OS PESQUISADORES EM TRABALHO E EDUCAÇÃO: O LUGAR DO MARXISMO ENTRE OS EDUCADORES 	<ul style="list-style-type: none"> • 24/2001
MARIA VIEIRA SILVA	<ul style="list-style-type: none"> • O ETHOS EMPRESARIAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: NOVOS DISPOSITIVOS, NOVAS SUBJETIVIDADES 	<ul style="list-style-type: none"> • 24/2001
MARISE N. RAMOS	<ul style="list-style-type: none"> • AS POLÍTICAS DO ENSINO TÉCNICO FEDERAL NA PERSPECTIVA DE UM ESTADO DE CLASSE 	<ul style="list-style-type: none"> • 18/1995
NOELA INVERNIZZI	<ul style="list-style-type: none"> • QUALIFICAÇÃO E NOVAS FORMAS DE CONTROLE DA FORÇA DE TRABALHO NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA: TENDÊNCIAS DOS ÚLTIMOS VINTE ANOS ANPED 2000 	<ul style="list-style-type: none"> • 23/2000
RONALDO	<ul style="list-style-type: none"> • AS NOVAS “QUALIDADES 	<ul style="list-style-type: none"> • 20/1997

MARCOS DE LIMA ARAÚJO	PESSOAS REQUERIDAS PELO CAPITAL • COMPETÊNCIA E QUALIFICAÇÃO: DUAS NOÇÕES EM CONFRONTO, DUAS PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES EM JOGO	• 22/1999
------------------------------	--	------------------

Fonte: Cds da Anped 1995-2004 e Cadernos da Anped 1995-2004. (com a contribuição dos quadros 10, 13 e 14 desta pesquisa)

Antes de fazer algumas reflexões sobre esse quadro é necessário ratificar que os quadros são sempre constituídos da amostra dos 132 trabalhos (disponibilizados no anexo 1)³³. E que a proporção encontrada é o da amostra. Agora outros esclarecimentos: no quadro colocamos o professor Paulo Tumolo entre os pesquisadores da 2ª geração, que, de acordo com os nossos critérios seria, o lugar mais adequado, isso não aconteceu antes porque ele já havia aparecido no “quadro (10) dos coordenadores”. Outro ponto foi colocar o professor Flávio Anício Andrade entre os da 3ª geração, assim foi feito por conta de três critérios principais: ter sido apontado pelo trabalho de Trein e Ciavatta (op.cit.), seu destaque no grupo não ter acontecido pelas atividades especiais (trabalho encomendado ou minicurso) e sua última e principal formação ter sido concluída após o ano 2000 (no caso, o doutorado).

Agora, a partir do quadro, comecemos com o que se vê mais imediatamente: quanto mais o pesquisador é *sênior* mais ele pretere a forma convencional de trabalho e de apresentação. Vê-se que quase não há pesquisadores da 1ª geração apresentando trabalhos convencionais (trabalhos e pôsteres), no quadro somente os professores Paolo Nosella e Maria Ciavatta apareceram para representá-los.

A característica mais comum à metade dos autores-pesquisador é a de apresentar trabalho apenas uma vez no GTTE (pelo menos para um período de dez anos, 1995-2004), o que sugere haver uma expressiva rotatividade de autores-

³³ E que alguns trabalhos, como por exemplo *A Formação dos “Intelectuais Urbanos” no Contexto da Transformação Produtiva* (Cf. ANPED, 1997) do mesmo Flávio Anício Andrade citado no quadro, não está sendo tabulado porque não está na nossa amostra. Amostra essa, já dito anteriormente, que traz a quase totalidade dos trabalhos para o período de 1995 até 1994, feita a partir dos trabalhos disponíveis nos meios eletrônicos (os CDs) da Anped.

pesquisadores e de trabalhos no GTTE³⁴. Não obstante, há uma outra parte que participou mais de uma vez no GTTE, mostrando também que o grupo mantém uma parte de pesquisadores com uma certa regularidade. Dois destes com mais de quatro trabalhos nesses dez anos, segundo a nossa amostra: Paulo Tumolo e Flávio Anício Andrade.

E nessa radiografia do GTTE para este período (1995-2004) vai mostrar que exatamente o professor Paulo Tumolo marcará uma mudança³⁵ importante ao GTTE: ele será o primeiro a chegar à coordenação sem fazer parte da “geração dos fundadores”. Uma breve análise de como ele conseguiu obter prestígio e autoridade científica até ser indicado à coordenação pode também revelar mais um pouco sobre as preferências e escolhas do GTTE. A primeira característica de seu percurso pelo GTTE foi a visibilidade que conquistou com a quantidade de trabalhos que enviou ao grupo, no quadro estão cinco trabalhos dele. A segunda provavelmente tão importante quanto à primeira, é a referência teórica de seus trabalhos, nitidamente marxista. As outras duas características têm a ver com dois quesitos importantes - apontados por Bourdieu³⁶ -, a escola em que o *par-concorrente* se forma e/ou a escola que esse representa. Tumolo vem da mais tradicional escola formadora do GTTE, conforme vimos acima, a PUC-SP e orientado, tanto no mestrado quanto no doutorado, por uma referência importante do GTTE, o professor Celso Ferreti. Assim como também representa a UFSC, uma das principais instituições atuantes do GTTE e que cada vez mais tem aumentado a sua participação³⁷ no grupo. E por fim, curiosamente tem formação em filosofia, uma característica que talvez não seja principal, mas muito forte no “grupo de coordenadores”. Todas essas características aproximaram o professor

³⁴ O professor Flávio Anício Andrade percebe isso da seguinte forma: (...) *muita gente que já apresentou trabalhos interessantes nesses anos não voltou, acho que porque foi para outra... Há também o “intermitente”, vem uma vez, aparece e depois não volta.*

³⁵ Mudança que ainda precisa ser confirmada para os próximos anos, pois no biênio (2003-2006) seguinte ao de Tumolo, o grupo voltou a ter na coordenação um participante da 1ª geração, a professora Maria Ciavatta. Não obstante, escolheu para o biênio de 2005-2006 o nome de Marlene Ribeiro, participante de algum tempo no grupo, mas que não chega a ser dos fundadores e Domingos Leite Lima Filho, participante da 3ª geração do GTTE.

³⁶ Reproduz-se aqui o que, no capítulo 1, trouxemos de Bourdieu a este respeito: *Assim, os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre contaminados, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias instituídas (As Grandes Escolas, na França, ou as universidades, por exemplo, nos Estados Unidos)* (BOURDIEU, 1994, p. 124)

³⁷ Além de ser uma das escolas que mais enviou trabalho ao GTTE e marcar sua presença na coordenação com Tumolo, a UFSC é a escola formadora do atual vice-coordenador do GTTE, Domingos Leite Lima Filho (do CEFET-Pr)

Paulo Tumolo aos outros coordenadores que o antecederam, por conta disso pôde romper com a relação fundador-coordenador que até então carregava o GTTE³⁸. Essas características mostram em parte o caminho para se obter prestígio e autoridade científica dentro do GTTE.

Ainda sobre esse quadro 15, a intenção inicial era tentar apreender se havia, e o quanto, uma divisão de tarefas no GTTE, no caso, entre as diferentes gerações de pesquisadores. A nossa hipótese principal a ser confirmada era que: quanto mais o autor-pesquisador caminha à maturidade, mais ele se direciona à pesquisa teórica e menos à empírica. Ainda que essa hipótese não tenha sido negada, não pode se dizer que ela foi plenamente confirmada, talvez ela precise de outras imersões e/ou dados. No máximo, pode-se dizer que, analisando os trabalhos que estão no quadro 15, o espaço dos trabalhos convencionais é “deixado” pelos *seniors* aos mais novatos e que estes tendem a apresentar numa primeira vez (alguns numa única vez³⁹) um trabalho de base mais empírica, e conforme vão tendo mais regularidade de participação no grupo, também se arriscam em incursões mais teóricas.

3.3.1 Conclusões provisórias sobre os agentes do GTTE

A partir dos quadros acima vale a pena pontuar algumas conclusões, ainda que provisórias, sobre os pesquisadores e instituições que compõem o GTTE.

O primeiro ponto e o mais evidente é a liderança da UFF. Os pesquisadores da Universidade Federal Fluminense estiveram fortemente presentes: na coordenação do GTTE, entre os autores dos trabalhos encomendados e entre os que ministraram os “minicursos”. E com o tempo a UFF foi ganhando também cada

³⁸ A vantagem de Paulo Tumolo, por exemplo, em relação ao prof. Flávio Anício Andrade que também apresentou vários trabalhos no GTTE, é participar de uma das Escolas que possui reconhecimento dentro do grupo, a UFSC. Palavras do próprio Flávio Anício Andrade: (...) *É preciso pensar, veja o GT não é o GT, não é a reunião, ele na verdade acontece muito fora dali... há no GT uma certa hierarquia dos programas, talvez menos até do que as figuras [os autores-pesquisador] (...)UFMG, a UFF e Santa Catarina, parece que são três os mais fortes. (...) então o Tumolo, por exemplo, (...) está num desses tripés, ele está nos lugares que são centrais, então lá tem a Eneida, tem um pessoal que não está no GT, mas tem uma produção na área e que tomou destaque até no campo de educação mais recentemente.*

³⁹ A professora Lia Tiriba, por exemplo, apresentou somente um trabalho, mas foi convidada a participar de um debate no grupo, foi lembrada pelas entrevistadas Iracy Picanço e Eunice Trein, recentemente tornou-se uma das pareceristas *ad hoc* do GTTE.

vez mais destaque como uma das principais “Escolas” que formam os pesquisadores do GTTE.

O segundo ponto é a presença histórica da PUC-SP, como a principal “Escola Formadora” dos autores e pesquisadores do GTTE, tradição que vem desde a orientação de Demerval Saviani, que permaneceu entre os da “segunda geração” e atinge ainda parte da “terceira geração” de pesquisadores.

O GTTE sempre que pôde acabou optando por seus principais pares para a reflexão do “mundo do trabalho”, sobretudo os da UFF. Antes disso, pôde ser observado que, entre os coordenadores e entre os trabalhos aprovados para a apresentação no GTTE, há um certo equilíbrio entre as principais instituições (quadro 8). Não obstante, equilíbrio que não permanece nos “trabalhos encomendados” e nos “minicursos”, pois a UFF se destaca em relação às outras.

O quadro a seguir expõe as principais instituições que estão presentes no GTTE, numa tentativa de hierarquizá-las, considerando uma interseção entre os quadros anteriores e a reflexão que deles foi sendo realizada, só possível de fazer agora:

Quadro 16 *Principais Instituições do GTTE da Anped*

Principais Instituições do GTTE	Pesquisadores que se destacam	Características de sua influência da Instituição
1. UFF	Gaudêncio Frigotto, Eunice Trein, Maria Ciavatta Franco, Sônia Rummert, José Rodrigues	A principal instituição do GTTE participa efetivamente dos variados eventos do grupo. E é cada vez mais solicitada à formação dos novos pesquisadores. Esteve presente em vários momentos da coordenação do GTTE.
2. PUC-SP	Celso Ferreti	Ainda se destaca como a principal responsável pela formação de muitos dos pesquisadores atuantes do GTTE. Esteve presente na coordenação do GTTE.
3. UFMG	Lucília Machado, Fernando Fidalgo	Tem uma boa participação no GTTE e na formação dos quadros. Esteve presente na coordenação do GTTE.
4. UFSC	Paulo Tumolo, Eneida Shiroma, Lucídio Bianchetti	Uma das instituições que mais participam do GTTE enviando trabalhos. Esteve presente na coordenação do GTTE.
5. UFPR	Acácia Kuenzer	Por conta da presença da Acácia Kuenzer contribui ativamente no GTTE e o representa constantemente quando o assunto é Educação Profissional. Tem uma participação razoável com trabalhos enviados ao GTTE.
6. UFBA	Iracy Picanço	Tem uma boa participação no GTTE na maior parte de seus eventos. Teve presença substancial na coordenação com a

		professora Iracy Picanço
7. UFCe	Enéas de Arrais Neto	Tem uma boa participação no GTTE.
8. UFSCar	Paolo Nosella, Ramon P. de Castro	Tem uma boa participação no GTTE. Tem uma participação quanto “Escola formadora”. Participou da coordenação do GTTE.
9. ESCOLAS TÉCNICAS	-----	As escolas técnicas se agrupadas marcam uma presença importante no GTTE, porém não chegam a constituir um grupo de influência nítida, na verdade são bem influenciadas pelas Instituições Universitárias da qual se aproximam em busca de conhecimento sobre Educação Profissional. Não obstante, é um grupo que merece atenção nas próximas investigações, pois a participação dessas escolas vai aumentando dentro do GTTE.
10. UFRJ-UERJ-UNICAMP	Neize Deluize, Roberto Leher (UFRJ) – Pablo Gentili (UERJ)	Essas instituições não podem ser desprestigiadas para o entendimento do GTTE, pois aparecem em muitos de seus eventos, sobretudo como “Escolas Formadoras” ou no envio de trabalhos à RA da Anped. No restante participam de forma diluída. Pouca presença nos trabalhos encomendados, nos minicursos e não participam da coordenação.

Fonte: Elaborado a partir dos quadros 8, 9, 10, 11, 12 e 13 deste trabalho.

Há um ponto para ressaltar, oriundo principalmente da observação do quadro acima: é a percepção de que, por detrás das instituições há sempre o nome de algum importante autor-referência – que geralmente converge em três características: é um ex-coordenador, um autor de bibliografia importante da área e um dos fundadores. A ponto de se construir uma nova hipótese, de que, na verdade, a relação que o GTTE possui com as instituições é ainda personalística. Embora seja possível perceber uma tendência de mudança, pelo que representa a ascensão da UFSC e a coordenação de Tumolo, pode-se dizer, que não houve uma mudança significativa a esse respeito. Inferência que se pôde chegar por conta desse quadro 16, o qual mostra exatamente que, entre a maior parte das instituições em destaque no GTTE, há pelo menos um autor-referência com as três características descritas acima. E mais, algumas dessas instituições demonstram que a sua força no GTTE se restringe à representação de seu(s) principal(ais) autor(es)-pesquisador.

Por enquanto, para o GTTE, mais importante do que as instituições em si são os agentes pesquisadores que estão por detrás delas. Mais do que com as

instituições, quem participa substancialmente no GTTE, tem alguma ligação com os autores-referência do grupo – Frigotto, Acácia, Machado, Ferreti, Nosella. Todos esses nomes estão desde a história inicial do GTTE. Reconhecidamente marxistas, são eles os que em suas instituições contribuíram para a constituição de um núcleo de estudo na área de Trabalho e Educação, para aglutinar outros pesquisadores e, o mais importante, os que continuam a ser os mais representativos de suas instituições.

A UFF e a UFSC dão ao GTTE mais nomes do que o do autor-referência principal, destaque para a UFSC que talvez seja a menos personalística entre todas (mas, lembrando que Tumolo e Bianchetti são “descendentes”, orientandos diretos, de Ferreti da PUC-SP) e provavelmente porque é um grupo liderado por pesquisadores da “segunda geração”.

Dizer que o GTTE tem uma relação mais personalística do que institucional significa, entre outras coisas, que a participação dos mais novos ou a busca por prestígio pelos pesquisadores estão mais ligados à filiação com os autores-referência⁴⁰ do que com as instituições. Quando um autor-referência deixa de participar do GTTE é mais percebido que quando uma instituição deixa de participar.

Enfim, em parte essa hipótese acima pode ser confirmada com o quadro que trata da “Terceira Geração” do GTTE (quadro 13), em que fica visível que estes novos pesquisadores participaram das principais instituições do GTTE no momento em que construíram suas formações e tiveram como principais orientadores os da “Primeira Geração”, mas o vínculo institucional deles depois disso é bem diversificado. Quer dizer, o que os trouxe, o que os motivou, o que os qualificou a participar do GTTE não foram as instituições as quais se vincularam após o doutorado (ou mestrado), mas sim os determinados nomes, dos autores-referência que estiveram na formação deles.

⁴⁰ Ver na definição no capítulo 1, seriam aqueles pesquisadores que são referência importante para a área.